

Universidade do Algarve e Universidade de Évora colaboram na realização da maior investigação de sempre sobre saúde dos professores em Portugal

No dia 11 de julho foram apresentados os resultados de três estudos realizados, na Universidade do Algarve e na Universidade de Évora, constituindo os maiores estudos feitos até ao momento sobre stress, a motivação e a saúde dos professores em Portugal, pois participaram quase 15.000 professores nestes estudos.

A sessão decorreu na Universidade de Évora, contando a sessão de abertura com a presença de José Verdasca, Coordenador do Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar, Adelinda Candeias, Professora Associada da Universidade de Évora, participando ainda por videoconferência Saúl Neves de Jesus, Vice-reitor e Professor Catedrático da Universidade do Algarve. Nesta sessão pública estiveram representantes de sindicatos, escolas, associações profissionais e órgãos de comunicação social.

O Professor José Verdasca, abriu a sessão, salientando a importância da valorização social da profissão de professor como condição fundamental para o bem-estar e a qualidade da educação. Destacou ainda a importância dos resultados obtidos em estudos anteriores que salientam a maior intensidade da expressão de afeto e gosto pelos professores por parte dos alunos portugueses quando comparados com alunos de outros países europeus, no entanto, esses mesmos alunos portugueses quando questionados sobre a sua intenção de virem a ter a profissão docente apenas 1% admite essa possibilidade para o seu futuro.

O Professor Saúl de Jesus salientou a importância dos resultados obtidos nas investigações realizadas, a partir dos quais podem ser delineadas estratégias de intervenção nos planos político, formativo e organizacional que possam contribuir para prevenir os elevados níveis de stress, exaustão e desmotivação dos professores portugueses. Acrescentou que este tema é da maior importância desde há vários anos, recordando que a sua própria tese de doutoramento, vencedora do Prémio Rui Grácio em 1996, já se havia centrado sobre a motivação para a profissão docente, verificando-se, nessa época, que cerca de metade dos professores portugueses preferia mudar de atividade profissional.

Por seu turno, a Prof^a. Adelinda Candeias destacou a importância dos resultados como ponto de partida para uma intervenção junto dos professores que 'trate' e previna o stress e promova a saúde e o bem-estar profissional e pessoal da pessoa que é o professor. Uma intervenção que deve ser diferenciada, de acordo com as necessidades dos professores e os indicadores de saúde que apresentam, à semelhança do que se faz, por exemplo, na Alemanha e na Espanha, onde programas de gestão de stress e de promoção da saúde estão a ser testados com sucesso.

De seguida foram apresentados os principais resultados de estudos coordenados pelos Professores Saul de Jesus e Adelinda Candeias e ainda em desenvolvimento, sobre: "A motivação profissional dos docentes do Ensino Básico e Secundário: A influência de variáveis organizacionais, individuais e pertencentes à interface sujeito-organização", desenvolvido por João Viseu, "Mobbing/Assédio no trabalho em professores de Ensino Básico e Secundário" de António Portelada, e "Saúde docente: estudo da influência de variáveis organizacionais e pessoais", de Liberata Borralho.

De entre os principais resultados obtidos nestes estudos destacam-se os seguintes: numa amostra de 12.158 professores portugueses, 52.4% percecionam bem-estar do desempenho da sua

atividade profissional, 50.2% sofrem de esgotamento, 26.9% de distúrbios cognitivos, 32% de distúrbios músculo-esqueléticos e 27.9% de alterações na voz. Verificamos, ainda, que os resultados obtidos nas várias dimensões de saúde dos professores portugueses são, na sua generalidade, inferiores aos dos espanhóis, observando-se maiores diferenças nas dimensões bem-estar e esgotamento.

As análises realizadas permitiram-nos definir três níveis de intervenção diferenciados, de acordo com o índice de saúde. Um primeiro nível onde 24.4% dos professores apresentam baixos resultados e cuja intervenção a realizar deve ser, essencialmente, ao nível do tratamento dos problemas diagnosticados e de promoção do bem-estar; um segundo nível (saúde média), com 45.2%, onde devemos incidir com intervenção preventiva; e um terceiro nível (saúde alta), com 30.4%, que evidenciam um grupo de professores resilientes, envolvido na sua profissão e que experienciam bem-estar, e que, como tal, deverão ser melhor investigados no sentido de nos ajudarem a identificar modelos promotores de bem-estar e resiliência na profissão docente. Encontram-se mais professores portugueses no índice de saúde mais baixo e menos nos índices médio e alto, quando comparamos com os professores espanhóis.

Os resultados indicam-nos que os professores do ensino público, do 2º e 3º ciclo, e secundário, do género feminino, com mais de 50 anos e 20 de serviço são os que apresentam menor bem-estar e mais problemas relacionados com as dimensões de perda de saúde e, sobre os quais devem incidir urgentemente um programa de intervenção de primeiro nível. Este estudo revela ainda que o principal preditor da baixa saúde dos professores portugueses é a exaustão; 24,4% dos professores portugueses apresenta baixos resultados no índice de saúde profissional, enquanto em Espanha se haviam verificado 20% dos professores nesta situação (N=11668).

No estudo sobre *mobbing*/assédio no trabalho, com 2003 professores, 22,5% dos professores têm consciência que sofrem com este fenómeno, no entanto, 75,1% dos professores assinalaram pelo menos um item da escala de *mobbing* LIPT-60, mas não reconhecem estar a ser vítimas (N=1504). Em média, os professores relatam 9 condutas de *mobbing* no local de trabalho, as condutas de agressão mais verificadas inserem-se no bloqueio à comunicação (47%), ou seja, condutas que não deixam provas físicas. Dos professores que referem ter sido vítimas de *mobbing*, 83% consideram que tal teve consequências na sua saúde e desses 59% recorreu pelo menos 1 vez por ano ao atestado médico e 19 % recorreu pelo menos 2 vezes ao atestado médico.

Por fim, o estudo relativo à influência de variáveis organizacionais, individuais e pertencentes à interface sujeito-organização (N=1129), demonstrou que: a relação entre a satisfação no trabalho e o desejo de permanecer na escola é parcialmente explicada pela identificação psicológica dos docentes com o estabelecimento de ensino; a combinação das perceções sobre a avaliação de desempenho e a justiça organizacional facilitam os recursos psicológicos positivos dos docentes (autoeficácia, resiliência, otimismo e esperança); a associação entre uma cultura de suporte (focada nas relações interpessoais e caracterizada por uma comunicação aberta) e o funcionamento da escola fomentam a satisfação laboral; a relação entre o clima da escola e o seu funcionamento contribui, igualmente, para uma maior satisfação no trabalho; e, quando os docentes se sentem justamente tratados pela sua escola e o funcionamento desta é visto como eficaz, vai surgir uma maior identificação psicológica com o estabelecimento de ensino e uma maior satisfação com as tarefas desempenhadas.

A finalizar foram destacadas as implicações práticas destes estudos em termos de intervenção direta com os professores ao nível do tratamento e prevenção do stresse, promoção da motivação,

do bem-estar e da saúde e indireta junto dos gestores escolares, instituições de formação inicial e contínua de professores.

A fechar, os organizadores deixaram o convite à participação no Seminário Internacional sobre Investigação e Intervenção em Stress a realizar a 29 de Setembro na Universidade de Évora, (Colégio do Espírito Santo) com o apoio das Universidades do Algarve, Universidade da Madeira, Universidade Autónoma de Lisboa, Universidade de Leipzig, Universidade de Zwickau, Universidade de Barcelona, entre outras.

Email para contacto: geral@dpsi.uevora.pt